

SEBASTIÃO TAVARES DE PINHO

Universidade de Coimbra

FRANCISCO XAVIER EM LISBOA A CAMINHO DO ORIENTE (1540-1541)

Abstract: – The decision of Ignatius Loyola to send, in 1540, the Spaniard Francis Saviour and the Portuguese Simão Rodrigues to the missions in the East, via Lisbon, originated as it is known in the suggestion of the humanist Diogo de Gouveia. The latter wrote a letter from Paris to the Portuguese King D. João III, who then invited those two Jesuits to Portugal. But his initiative of Gouveia was based on information received from the humanist Jerónimo Osório regarding the need for missionaries in Portuguese India. This article analyses the information sources of Osório, who had special family ties with the East. This is followed by study of the documentation on the apostolic work of Francis Saviour and Simão Rodrigues while in Lisbon, during the months of preparation for the departure to India. It also studies the documentation on Saviour's decision to take with him other volunteers who had joined him in the Portuguese Capital. Meanwhile Simão Rodrigues was to remain in Portugal to start, in Coimbra the following year (1542), the first college of the order in the world.

I. O primeiro contacto de Francisco Xavier com a vida e cultura portuguesa pode dizer-se que remonta pelo menos aos seus tempos de estudante de Paris¹ quando aí frequentava o célebre Colégio de Santa Bárbara, dirigido pelo conhecido humanista português Doutor Diogo de Gouveia, que foi também reitor da própria Sorbonne, onde o futuro “Apóstolo das Índias”

¹ Francisco Xavier era parente do famoso Doutor Martim de Azpilcueta Navarro, professor de “Prima de Canones” na Universidade de Coimbra desde 1538 até 1555. De facto o avô paterno do Doutor Navarro, Miguel de Azpilcueta, era irmão de João de Azpilcueta, bisavô de Francisco Xavier, por via de sua mãe Maria de Azpilcueta (vd. Francisco Xavier, *Epistolae S. Francisci Xaverii ...*, Edit. G. Schurhammer S.I. et I. Wicki S.I., Tom. I, p. 57, n.1). O próprio Doutor Navarro lhe lembra esse facto, designando-o por Francisco de Azpilcueta y Xavier (vd. *ibidem*, p. 72). Por isso, é bem possível que, através dele e seus familiares, Xavier tivesse tido informações sobre Portugal e a sua acção cultural mesmo antes de frequentar a Universidade de Paris.

teve oportunidade de conviver com muitos dos portugueses que então faziam parte da mesma escola, entre os quais se contam alguns dos humanistas que intervieram nas relações da Companhia de Jesus com Portugal, designadamente Jerónimo Osório e Lopo Serrão, como adiante veremos.

Foi também nesse ambiente escolar que Xavier manteve assíduo e demorado convívio com os seus companheiros da futura “Societas Iesu”, a começar pelo próprio fundador Inácio de Loyola, com o francês Pierre Fabre e o português Simão Rodrigues de Azevedo, todos alunos do curso de Artes do referido Colégio de Santa Bárbara, seguidos pelos espanhóis Diego Laynez, Alfonso Salmeron e Nicolas Alonso y Perez, mais conhecido pelo topónimo Bobadilha, todos chegados da Universidade de Alcalá.

Quando a Companhia de Jesus se formou, na base deste grupo inicial logo acrescentado pelos jovens franceses Claude Jay, Paschase Broët e Jean-Baptiste Codur, e quando, no caminho da Palestina conforme seu voto jurado diante da Virgem do templo de Montmartre, todos eles se viram forçados a permanecer em Roma e em outras partes da Itália ao serviço do Papa, por motivo da instabilidade política e da insegurança no Mediterrâneo, Portugal vivia o entusiasmo da expansão ultramarina, que compreendia a explícita, indeclinável e assumida componente missionária. As notícias vindas dos novos mundos descobertos acerca das conversões cristãs que neles se verificavam em massa traziam ao mesmo tempo eufóricas e preocupadas as autoridades eclesiásticas e políticas. O rei D. João III fazia apelo às ordens religiosas para que enviassem seus missionários à África, ao Brasil e ao Oriente.

2. É neste contexto que intervém uma figura a quem se deve a primeira causa, embora indirecta, da entrada da Companhia de Jesus em Portugal. Trata-se de Jerónimo Osório, que viria a mostrar-se um dos maiores humanistas portugueses do século XVI, reconhecido em toda a Europa culta do seu tempo. Nascido por volta de 1514, cursou Artes e Direito em Salamanca, Filosofia em Paris e Teologia e hebraico em Bolonha. A sua obra literária estende-se pela filosofia moral e política, pela escriturística, epistolografia e historiografia. Grande escritor e polemista literário, a qualidade do seu latim era invejada pelos seus adversários e tornou-o conhecido como “Cícero Português”. Quando já era bispo do Algarve, a ele se deve a notável crónica latina sobre a vida e feitos do rei D. Manuel I, *De rebus Emmanuelis gestis*, publicada em 1571, a primeira grande narrativa da época dos Descobrimentos portugueses na língua internacional de então e que serviu, para a Europa culta do século XVI, de principal veículo informativo global acerca da expansão portuguesa na área da sua influência, em particular no Oriente. Foi esta obra de Osório que levou Montaigne a

considerar o bispo Osório “um notável historiador latino da nossa época” (“non méprisable historien latin de nos siècles”: *Essais*, I, cap. 14).

O vasto e rigoroso conhecimento de Jerónimo Osório acerca da expansão portuguesa, sobretudo no Oriente, teve origem remota. Quando contava à volta de dez anos de idade vira partir para a Índia seu pai, o jurista Dr. João Osório da Fonseca, juntamente com Vasco da Gama em 1524, quando este almirante realizava a sua terceira e última viagem ao Oriente a fim de apaziguar, em nome de D. João III, escandalosas contendas surgidas por ocasião da transmissão de poderes entre dois vice-reis do reino lusitano daquela região. O Dr. João Osório da Fonseca, na qualidade de ouvidor-geral do monarca português naquelas partes, viu-se directamente envolvido em todo aquele processo político e acabou por regressar a Portugal por volta de 1530, um tanto desgostoso daquela experiência indiana, exercida em circunstâncias difíceis. Seu filho Jerónimo Osório estudava então na Universidade de Salamanca, onde frequentara o curso de Artes e iniciara o da Faculdade de Direito, e foi a Lisboa receber seu pai e conviver com ele depois de seis anos de ausência. Este convívio ofereceu, naturalmente, a Jerónimo Osório a primeira ocasião para colher informação segura, pela boca de seu pai, da actividade política e também missionária na Índia.

O Dr. João Osório facelera pouco depois, mas a presença da família Osório no Oriente continuou através do segundo filho, Bernardo da Fonseca Osório, que exerceu as funções de provedor-geral dos Estados da Índia e capitão da fortaleza de Coullão nas costas do Malabar e por lá gastou perto de cinquenta anos da sua vida ao serviço dos reis D. João III, D. Sebastião, D. Henrique e Filipe I.

Esta relação de Jerónimo Osório com a história portuguesa oriental por via familiar criara no seu espírito, naturalmente, laços de particular afecto e interesse por tudo quanto aí se passava. E assim, quando se encontrava provavelmente em Lisboa por volta de 1537 em gozo de férias dos seus estudos de Paris, tendo tido conhecimento do sucesso apostólico entre os povos do Malabar realizado por um pregador que da capital portuguesa para lá enviara, como seu vigário, o bispo eleito da recém-criada diocese de Goa, D. Francisco de Melo, o humanista Osório escreve ao seu mestre e reitor de Paris, doutor Diogo de Gouveia, dando-lhe conta da surpreendente conversão de cerca de 60.000 malabares.

3. Diogo de Gouveia, diante destas notícias e sabendo das preocupações apostólicas do próprio Rei Piedoso – o *pius Iohannes*, como a história coeva o identificou –, escreve de Paris para Lisboa uma longa carta, com data de 17 de Fevereiro de 1538, que constitui de um dos documentos mais importantes

e mais responsáveis pela história da Companhia de Jesus em Portugal e mesmo no resto do mundo. Começando por responder ao monarca português acerca da legislação existente em França sobre o poder que Francisco I possuía na eleição dos graduados para os benefícios eclesiásticos vacantes, regulados por direito concordatário, O doutor Gouveia escreve:

Vossa Alteza me escreueo que lhe mandasse a ordenança dos graduados de França: Ai nom há outra ordenaçam se nam essa que se chama Prammatica Censio e na fim vai o Concordado. Grande bem seria se vós, Senhor, podcisses alcançar isso que certo cumpre muito à cristandade, e principalmente per os tempos dagora: se concílio se faz, bem me parece que outros requirirrom isto também. Mas Vossa Alteza tem mais razam que nenhum outro pola grandíssima terra que tem descuberta e necessidade que as taes tem de letrados: e principalmente com as grandes nouas que mestre Hierónimo do Soiro me escreueo de como os balamares recebiam a fé que um vigairo que lá mandou Francisco de Mello, homem de boa vida e bacharel em cânones, começara lá de pregar e que eram conuertidos bem 60.000, digo LX, lououres a Nosso Senhor que nos trouxe a tal tempo.²

Esta notícia de Jerónimo Osório levou o Doutor Gouveia a informar el-rei D. João III da recente criação da Compamhia de Jesus em Paris e da presença dos seus fundadores em várias cidades da Itália ao serviço do Papa e aguardando o momento oportuno de visitar Jerusalém e se dedicarem à conversão dos Mouros, conforme seu propósito jurado em Paris. Gouveia, que mantinha contacto com eles, logo tomou a decisão de lhes enviar a carta do próprio Osório e, ao mesmo tempo, convencer o rei de Portugal da grande oportunidade que aquele grupo de jovens representava para a causa missionária da Índia. É assim que o autor descreve o grupo dos primeiros jesuítas:

Eu mandei a carta a mestre Simam Rodriguez que partio daqui com 6 outros pera irem a Jerusalém. Elle e seus companheiros fazem grandíssimo fructo em Itália, e tal, que temos carta de Roma que o papa mandou chamar 2 deles a Roma. Outros 2 estam em Milam, 2 em Bolonha. La Grassa e um outro com certos outros italianos que se com eles ajuntarom estam em Ferrara. Ora, porque sua tençam era quando daqui partirom, vai em 2 anos, de irem a Jerusalém nom soo pola romaria mas pera verem se podiam couerter mouros, e

² Vd. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Corpo Cronológico*, P. 1^a, maço 60, doc. 119. Sobre o assunto desta carta, vd. Francisco Rodrigues, "O Dr. Gouveia e a entrada dos jesuítas em Portugal", *Brotéria* 2 (Caminha, 1926) 267-274, e Marcel Bataillon, "Un document portugais sur les origines de la Compagnie de Jésus", *Miscelânea Scenífica e Literária, dedicada ao Doutor J. Leite de Vasconcelos*, Vol. I, Coimbra, 1934, p.89-96.

nom poderom passar por a armada do Turquo, fiquarom em Itália onde lhe fazem muito gasalhado e esmola.³

É curioso observar que Diogo de Gouveia considera Pierre Fabre como o primeiro de todos entre os principais do grupo, mesmo antes de Inácio de Loyola, numa época em que ainda não tinham procedido à eleição do seu Preósito Geral, que só veio a realizar-se três anos depois, na pessoa de Loyola. Sobre a importância relativa entre os três primeiros deste grupo na perspectiva e intenções de Gouveia, são estas as suas palavras:

O principal deles é um mestre P^o Fabro, homem docto e de mui grande vida, e um outro Inigo, castelhano. Se estes homens se podessem aver per irem a Índia seria um bem inextimável. O mestre Simam foi criado do Bispo adaiam e é irram de outro bolseiro chamado mestre Sebastiam que é um dos que cada domingo recebem nos cartuxos. Sam homens propios pera esta obra, e se Vossa Alteza deseja de fazer o que sempre mostrou, crea que nom podia nem a pedir de boca achar homens mais autos pera conuerter toda a Índia. Eles sam todos sacerdotes e de muito exemplo e letrados e nom demandam nada.⁴

Finalmente, Gouveia exerce toda a sua força retórica e emocional para exortar D. João III a intervir pessoalmente, com os meios diplomáticos ao seu alcance, a fim de conseguir a vinda destes primeiros padres jesuítas, que são os “homens mais próprios” para a tarefa da evangelização das terras descobertas das Índias Orientais. Continua Gouveia:

Por amor de Nosso Senhor que escreua ao consul da nossa naçam que está em Veneza e a quem por Vossa Alteza faz os negócios em Roma que lhe fale, porque vendo eles carta de Vossa Alteza tanto mais se moueram. Escreuendo ao mestre Simam Rodriguez e o mestre Pedro Fabro e ao Inigo abastará, porque estes 3 moueram os outros. Isto nom é cousa pera se poer em trespasso porque se eles podem este ano passar parece-me que o faram. Eu lhes escreui já e antre as outras cousas lhe dizia como a língoa na Índia era muito mais fácil daprender e os corações mais benignos e nom tam emperrados como os dos mouros. Nom quero disto mais dizer a Vossa Alteza por conhecer o desejo que disto tem, que é muito maior do que o eu saberei pintar nem persuadir.⁵

4. Não deixa de ser estranho que, tendo o Doutor Gouveia posto tanto empenho nesta exortação ao rei português, e apesar da grande preocupação do monarca em mobilizar missionários para as terras descobertas, tenha sido

³ Vd. *Idem, ibidem*

⁴ Vd. *Idem, ibidem*.

⁵ Vd. *Idem, ibidem*.

necessário mais de um ano para que este tomasse a decisão de escrever ao seu embaixador em Roma, D. Pedro de Mascarenhas, em 4 de Agosto de 1539, no sentido de o encarregar de resolver este assunto junto dos jesuítas e da autoridade pontifícia. Contribuiu também para esta decisão uma carta de Pierre Fabre enviada em nome de seus companheiros ao Doutor Diogo de Gouveia em 23 de Novembro de 1538, em resposta àquela que este lhes havia escrito nos princípios do mesmo ano. De facto, Fabre declarava, nessa resposta, a inteira disposição dos jesuítas em irem à Índia ou a qualquer parte do mundo para aí se dedicarem à causa missionária, mas deviam total obediência ao Sumo Pontífice, a quem caberia decidir. Gouveia remeteu esta carta ao rei português, que reproduz o seu pensamento na epístola que por sua vez enviou ao seu embaixador D. Pedro de Mascarenhas em 4 de Agosto de 1539. As ordens régias aí expressas concentram-se nestas palavras:

Vos encomendo muito que, tanto que esta carta receberdes, trabalheis por saber que homens estes são, e onde estão, e de sua vida e costumes e letras e prepósito; e sendo estes lhes faleis se aí estiverem, e sendo absentes lhe escrevays e façays que eles queiram vir a mim, porque certo, se seu prepósito é esse de acrescentar e aproveitar à fé, e servir a Deos pregando e com exemplo de suas vidas, nam pode haver parte para onde lhes estê mais aparelhado poderemno fazer e cumprir seus desejos que em minhas conquistas, onde serã sempre tratados de maneira que lhe seja ainda dobrada ajuda e azo pera milhor servir a Deos. E sendo necessário licença do Santo Padre, ou ainda mandado pera isso, vós lhe supricai de minha parte para que lha queyra dar [...] E assentado vós com elles que queiram vir ou por terra ou por mar, como milhor vos parecer e se eles mais contentarem, lhe dareis todo aviaimento e toda maneira de seu gasto pera o caminho em toda abastança.⁶

Sete meses depois, na carta de 10 de Março de 1540, o embaixador Pedro de Mascarenhas dá conta a D. João III do resultado prático das diligências entretanto efectuadas, das quais resultou a permissão do Papa Paulo III na vinda dos jesuítas, “que estavam prestes pera irem onde os ele [o Papa] mandasse, ainda que fosse mais longe que a Índia”. O desejo do rei português era que viesse todo o conjunto dos jovens missionários, ou o maior número possível, quatro pelo menos. Mas, quanto ao número, só houve possibilidade de dispor de dois, “por ao presente nom estarem em Roma senam seis, dos quais manda o papa outros dous a Ibernaya, que é além d’Escorcia por alguas erezys que naquela ilha há.”⁷

⁶ Vd. *Corpo Diplomático Português* [...], por Luiz Augusto Rebello da Silva, Lisboa, Tomo IV, 1870, p. 105.

⁷ Vd. *Ibidem*, p. 292.

A selecção dos dois jesuítas concedidos ao rei D. João III acabou por recair em primeiro lugar sobre o P. Simão Rodrigues, por ser português e ter manifestado desde sempre grande fervor pela causa da conversão dos infiéis, e em segundo lugar o castelhano Francisco Xavier, em substituição de Nicolau Bobadilla, que tinha sido inicialmente designado por Loyola mas que não pôde avançar por motivos de saúde. Simão Rodrigues fez a viagem para Lisboa por mar, tendo embarcado em Civitavecchia no princípio da primavera (9 de Março) de 1540.

Quanto a Xavier, teve a honra de acompanhar em 15 de Março de 1540, logo no dia seguinte à sua escolha, o próprio embaixador D. Pedro de Mascarenhas, ilustre figura de militar e diplomata e um grande amigo da Companhia de Jesus que em Roma havia escolhido para seu confessor o próprio Inácio de Loyola, e que estava em vésperas de regressar a Portugal no fim da sua comissão diplomática junto da Santa Sé, para mais tarde vir a ser um dos governadores de Goa e o oitavo vice-rei da Índia Portuguesa. Em meados de Março de 1540, pelo menos desde o Domingo de Ramos, dia 21, já a comitiva do embaixador se encontrava em Bolonha com destino a Portugal. Daí escrevia Xavier, em 31 do mesmo mês, para Roma a Inácio de Loyola e Pedro Codazzo, dando-lhes notícia dos assuntos de maior interesse ocorridos durante a viagem e manifestando repetidamente o seu fervoroso entusiasmo com a ideia de avançar para as terras do Oriente. Quanto à companhia do embaixador D. Pedro de Mascarenhas, seu ilustre anfitrião de viagem, Xavier descreve-o desta maneira na dita carta de Bolonha:

El Señor Embaxador me hace tantos regalos, que no podría acabar de scribirlos. Y no sé cómo podría sufrirlos, sy no pensasse, y quasi por cierto tubiesse, que apud indios no con menos de la vida se hubiessen de pagar. En Nuestra Señora de Loreto el domingo de ramos lo confessé y comulgué con muchos de su cassa, y en la capilla de Nuestra Señora dixé missa, e el buen Embaxador hizo que simul con él se commulgassen todos los de sua cassa dentro de la capilla: y después el dia de Páscoa lo confessé y comulgué [una] otra vez, y otros devotos de su cassa. El capellán del Señor Embaxador se encomienda mucho a las orationes de todos, el qual me tiene dado la mano de yr con nossostros a las Indias.⁸

5. Simão Rodrigues, que partira de Civitavecchia por mar em 9 de Março de 1540, chegou a Portugal poucos dias depois. Tendo vindo contaminado com a febre quartã, contraída durante as missões apostólicas na

⁸ Vd. Francisco Xavier, *Epistolae S. Francisci Xaverii aliaque eius scripta* [...]. Tomus I (1535-1548) [Edit. Georgius Schurhammer S. I. et Iosephus Wichi S.I.]. Roma. Apud "Monumenta Historica Soc. Iesu, Vol. 67", 1944, p. 30.

Itália, e ao chegar ao seu destino doente e maltratado pelo mar, foi acolhido em Palma de Alcácer do Sal, a sul de Lisboa, na casa senhorial do embaixador D. Pedro de Mascarenhas, onde foi “humanissimamente tratado” por recomendação do próprio diplomata, antes da saída de Roma. Mas pouco depois, D. João III mandou que ele se fosse instalar na capital, onde chegou a 7 de Abril, e aí foi dignamente recebido pelo rei e sua esposa D. Catarina, irmã de Carlos V, em demorada audiência privada. Conta Simão Rodrigues, mais tarde em carta de fins de Junho dirigida a Loyola, como deixara bem impressionados os monarcas portugueses com tudo quanto lhes transmitira acerca da fundação e dos objectivos da Companhia de Jesus. Instalado por ordem real em casa própria perto da corte e assistido e refeito das suas enfermidades, P. Simão, enquanto aguardava a vinda de Francisco Xavier, dedicava-se ao trabalho apostólico junto de todas as classes da população da cidade e em particular das altas figuras da nobreza, com resultados surpreendentes.

Nos finais de Junho chegava finalmente a Lisboa o futuro “Apóstolo das Índias” na companhia do embaixador D. Pedro de Mascarenhas. A segunda parte da dita carta do P. Simão dá conta da chegada de Xavier e de tudo o que depois se passara com ambos. O próprio Xavier confirma, explícita e completa o relato do companheiro quando, em 23 de Julho seguinte, escreve, por sua vez, a Loyola e a Bobadilla uma epístola que marcará o início da sua preciosa correspondência estabelecida a partir de Lisboa durante os nove meses que permaneceu em Portugal. Nessa missiva, Xavier descreve a viagem que fizera por terra, com a notícia de alguns episódios curiosos ocorridos durante mais de três meses, e sobretudo com uma referência particular e um rasgado elogio ao comportamento e atenções do embaixador e ao ambiente religioso de que este se fazia rodear de modo a “[...] governar con tal orden toda su cassa, que parecia más cassa de Religión que de seglar, confessandosse e comulgándose muchas vezes; y los criados, imitándole, tomando exemplo en él, hazían lo mismo [...]”⁹

Poucos dias após a chegada de Francisco Xavier a Lisboa, logo o rei e a rainha quiseram conhecê-lo e ouvi-lo juntamente com Simão Rodrigues. As duas cartas já referidas dão-nos conta da longa audiência concedida aos dois jesuítas, em ambiente de extrema familiaridade e simpatia, em que foram apresentados os filhos do régio casal, a jovem infanta D. Maria, futura esposa de Filipe II de Espanha, e o príncipe D. João, pai de D. Sebastião, o sucessor do avô. O que mais impressionou Xavier no contacto e sequente convivência com a Corte portuguesa foram as profundas convicções religiosas do rei e da

⁹Vd. Francisco Xavier, *op. cit.*, p. 39.

rainha e o seu devotado interesse pela causa missionária. A tal respeito são de Xavier estas palavras:

Y assy el Rey como la Reyna nos mostraron mucho amor. Encomendónos mucho Su Alteza aquel mesmo día que le hablamos, que confessásemos los gentiles hombres mancebos de su corte, porque el Rey ha echo una constitución en su corte, que todos los gentiles hombres se confiessem de ocho a ocho días; y nos encommendó mucho que mirásemos por ellos, diziéndonos Su Alteza que si de mancebos conoscen a Dios y le sirven, que quando fueren grandes darán mucha buena existimación; y siendo ellos quales deven ser, que la otra gente baxa tomará exemplo dellos, y assí se reformarán los seculares de su Reyno: teniendo por cierto que, reformados los nobles, gran parte de su Reyno será reformada.¹⁰

Foi assim, em ambiente de total acolhimento, que os padres Francisco e Simão aguardavam a hora de partirem para as Índias Orientais, aproveitando o tempo para desenvolver o seu trabalho apostólico em Lisboa e em outras cidades do âmbito da corte portuguesa, com múltipla finalidade fundamental: prestar ajuda na assistência religiosa das próprias populações locais; prepararem-se para a tarefa que teriam de enfrentar no Oriente mediante a convivência, em Lisboa, com muitas personalidades portuguesas experientes e conhecedoras daquelas terras; e, finalmente, conquistarem adeptos para a Companhia que os acompanhassem naquela missão. O resultado da sua acção em Portugal conseguiu, em pouco tempo, um estrondoso sucesso. A correspondência entretanto permutada com os companheiros de Roma – com Inácio de Loyola, Bobadilla, Pietro Codazzo, Jean Codur, Claude Jayé e Diego Laynez –, revela a adesão de vários clérigos em Lisboa dispostos a avançar com eles para a Índia, entre os quais se contam antigos estudantes e companheiros dos tempos de Paris, de modo a perfazerem já um grupo de seis jesuítas.

O entusiasmo por esta causa atinge mesmo homens leigos que se propõem acampanhá-los nessa qualidade. O caso mais curioso é o do médico Lopo Serrão, um antigo colega de estudos na Sorbonne e grande amigo do grupo inicial dos jesuítas. Na carta de finais de Julho diz Xavier acerca desta vocação:

[...] y sin esto está un doctor médico, muy conocido nuestro de Paris, que tiene prometido de venir con nosotros, y solamente de usar de medicina, según viere que le ayuda para salvar las ánimas y traerlas en conocimiento del Creador y Señor, y no por interesse temporal.¹¹

¹⁰ Vd. Francisco Xavier, *op. cit.*, p. 41-42.

¹¹ Vd. Francisco Xavier, *op. cit.*, p. 43.

A confirmar esta disposição, o mesmo doutor Lopo Serrão aproveita a carta de Xavier de 26 de Julho de 1540, dirigida a Loyola e Pietro Codazzo, para, com anuência do seu autor Xavier, incluir nela o seguinte *post-scriptum* de sua própria mão:

Yo sou huum doctor medico [chamado M. Lopo] Serrão, o qual fiz com Mestre Pedro Fabro los Exercicios em Paris; dado que poco me aproveche em elles, aguora com os Irmãos aqui farey as eleyções para hir à Índia. Deo annuente. Por amor de Nosso Senhor que roguem a Deus por mim que me haga bom medico in spiritualibus et temporalibus, in quantu[m] iuvat me ad spiritualia.

Serrão, doctor¹²

Outro caso notável é o do Doutor Martín de Azpilcueta Navarro. Quando Francisco Xavier chegou a Lisboa, era então professor na Universidade de Coimbra o famoso Doutor Navarro, parente de Xavier pelo lado de sua mãe. Tendo sabido da presença do jesuíta em Portugal, o Doutor Navarro escreve a Xavier e ao rei D. João III a queixar-se de ele o não ir visitar a Coimbra. Em 28 de Setembro e em 4 de Novembro de 1540 Xavier responde ao próprio Navarro e promete visitá-lo tão logo tenha possibilidade. Em carta enviada já no ano seguinte, Navarro propõe-se acompanhar Xavier à Índia depois de jubilado pela Universidade de Coimbra, mas o jesuíta tê-lo-á aconselhado a desistir daquela ideia em razão da sua idade e saúde precária. São do próprio Doutor Navarro as seguintes palavras publicadas, muito mais tarde, na edição latina do seu *Enchiridion sive Manuale Confessariorum*, publicado em Roma em 1573:

“Aquel grande siervo de Dios el Maestre Francisco de Azpilcueta y Xabier, prepósito de la Compañía de Iesús en las Indias, [...] donde ya yo tambien (a mi pensar) oviera acabado esta mi peregrinación, si él, quando se partiu de Lisboa, no me dexara por le parecer viejo y flaco para los trabajos que él llevaba concebidos, escribiéndome que quedasse ya la vista para los cielos.”¹³

6. Estes exemplos mostram como era grande em Portugal o entusiasmo pela ideia de acompanhar estes jovens jesuítas na expedição missionária com destino ao Oriente, seu objectivo final. Mas a sua acção apostólica entretanto realizada junto da população lisiponense, designadamente com a prática dos

¹² Vd. Francisco Xavier, *op. cit.*, p. 49-50.

¹³ Vd. Francisco Xavier, *op. cit.*, p. 72-73.

Exercícios Espirituais inacianos, particularmente acolhidos por pessoas de várias categorias, entre os nobres e o povo, alcançou tão rápido e tão eficiente fruto, que se gerou entre o público a opinião de que aquele trabalho seria bem mais útil aqui, do que em terras longínquas da Índia. Outros, porém, conhecedores por experiência própria das necessidades espirituais dos povos descobertos, sustentavam o envio dos jesuítas para o Oriente. Deste dilema dá conta Xavier a Loyola logo na carta de 23 de Julho de 1540, desta maneira:

Procuran acá muchas personas conocidas nuestras de impedir nuestra partida para las Indias, paresciéndoles que acá haremos más fruto en confesiones, particulares conversaciones, Exercícios Espirituales, en ministrar los sacramentos y exhortando las personas a las frequentes confesiones y comuniones, y en predicar, que si fuésemos a las Indias. Procura el confessor del Rey y el predicador que no vamos, sino que quedemos acá, diciendo que haremos más fruto.¹⁴

Esta é a posição de uma das facções. Mas logo a seguir o texto contrapõe a opinião contrária, quando diz:

Cossa es para maravillar el fruto que dicen que havemos de hazer en las Indias; y esto dicen personas que an estado allá muchos años, por ver la gente muy aparejada para rescibir la fe de Christo nuestro Señor, deziendo que [...] no dudan sino que en pocos años convertiremos dos o tres reynos de ydólatras a la fe de Christo [...]. Grande es la esperanza, que acá nos dan los que an estado muchos años en las Indias, del fruto que allá havemos de hazer en servicio de Dios nuestro Señor.¹⁵

O próprio rei D. João III, que desde o início havia posto tanto empenho em mandar vir de Itália estes jovens com expresso propósito de imediato e exclusivo destino ao Oriente, acaba por hesitar perante o dilema agora levantado, como escreve Xavier a Loyola e Pietro Codazzo na carta de 26 de Julho de 1540:

El Obispo, amigo nuestro, nos ha dicho que el Rey no está del todo determinado para inbiarnos a las Indias, pareseyéndoles que acá no menos serviremos a nuestro Señor que allá. Instaron dos Obispos, pareseyéndoles que en ninguna manera debemos quedar acá, syno ir a las Indias, pareseyéndoles que algunos reyes havemos de convertyr.¹⁶

¹⁴ Vd. Francisco Xavier, *op. cit.*, p. 42.

¹⁵ Vd. *Idem, ibidem*.

¹⁶ Vd. Francisco Xavier, *op. cit.*, p. 49.

O companheiro de Xavier, P. Simão Rodrigues, em carta dirigida a Loyola e Pietro Codazzo em 8 de Outubro do mesmo ano, confirma esta posição do rei português, desta maneira:

Acerca de las Indias, Mastro Francisco y yo amdamos algo solicitos para non nos ser impedida la ida; mas il Rey no quiere, segum lo que intemdiemos, porque dize que somos muy neccesarios para su corte.¹⁷

7. Para resolver esta situação foi repetidamente solicitada a intervenção do Papa, através do despacho de um Breve, até que, com a cooperação de Loyola e do novo embaixador português junto da Santa Sé, se encontrou uma solução de compromisso: o grupo dos jesuítas entretanto formado em Portugal à volta de Xavier e Simão Rodrigues seria dividido em dois, partindo um para as Índias e outro continuaria em Portugal para atender aos desejos da corte e para a criação da primeira casa da Companhia de Jesus em Portugal e do colégio jesuítico junto da Universidade de Coimbra, o primeiro em território português e um dos primeiros em todo o mundo. Reflexos destas diligências aparecem já na carta de Xavier de 22 de Outubro de 1540 dirigida a Pietro Codazzo e a Loyola, a quem são pedidas instruções. E, finalmente, em 18 de Março de 1541, a correspondência epistolar havida com os mesmos e com Jean Codur, Claude Jay e Diego Laynez, mostra que o problema estava então definitivamente resolvido.

Com efeito, do grupo dos seis membros da Companhia então formado em Lisboa, permaneceriam em Portugal o mestre Gonçalo Medeiros e o canonista Manuel de Santa Clara com Simão Rodrigues para dar cumprimento à criação da Casa da Companhia e do colégio universitário em Coimbra, cuja fundação estava prevista pelo Rei para o verão desse ano de 1541, mas que veio a verificar-se apenas em 1542.

Quanto a Xavier, coube-lhe a sorte de partir para a missão da Índia, tendo-o acompanhado o italiano Paulo de Camerino e o português Francisco de Mansilhas. Embarcaram em 7 de Abril de 1541, altamente favorecidos pelo rei D. João III, na armada que levava o vice-rei D. Martinho de Sousa, que os cumulou das maiores atenções durante toda a viagem, conforme relatam as duas cartas de 18 de Março atrás referidas.

Nove meses depois, em 1 de Janeiro de 1542, escrevia Xavier da Ilha de Moçambique para os seus companheiros de Roma, depois de uma viagem difícil e conturbada. E em 6 de Maio seguinte chegava à Índia

¹⁷ Vd. Francisco Xavier, *op. cit.*, p. 63.

desembarcando na cidade de Goa. Durante cerca de sete anos desenvolveu intensa e infatigável acção pelas costas do Malabar, pelas terras do Índico, da Malásia e dos mares da China, para aportar finalmente a Cagoxima, no Japão, a 15 de Agosto de 1549, facto que, passados 450 anos, agora (em 1999) celebramos.

Em conclusão, na entrada dos jesuítas em Portugal e sua presença no Oriente, com todas as relações que daí resultaram entre a Europa e designadamente o Japão, intervieram vários factores, entre o quais se contam a determinação do rei D. João III em enviar missionários para as terras descobertas em geral e, em particular, para a Índia; o trabalho e empenho pessoal do seu embaixador, D. Pedro de Mascarenhas junto do Papa; e a boa vontade dos responsáveis jesuítas do grupo inicial, principalmente Inácio de Loyola. Mas, antes e na origem desta decisão, está o interesse e a atenção do humanista Jerónimo Osório pela acção missionária nas partes da Índia, e acima de tudo a visão e iniciativa do Doutor Diogo de Gouveia, ao escrever ao rei português a sua famosa carta de 17 de Fevereiro de 1538, documento fundamental dentro desta problemática e que, por isso, a nosso ver, deveria desde há muito figurar, pelo menos com carácter apendicular, nos *Monumenta Historica Societatis Iesu*.

